

Ministério da Justiça
Arquivo Nacional

ACERVO

REVISTA DO ARQUIVO NACIONAL

RIO DE JANEIRO, v.8, NUMERO 01/02, JANEIRO/DEZEMBRO 1995

© 1995 by Arquivo Nacional
Rua Azeredo Coutinho, 77
CEP 20230-170 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Presidente da República

Fernando Henrique Cardoso

Ministro da Justiça

Nelson Azevedo Jobim

Diretor-Geral do Arquivo Nacional

Jaime Antunes da Silva

Editora

Maria do Carmo T. Rainho

Conselho Editorial

Ana Maria Cascardo, Ingrid Beck, Maria do Carmo T. Rainho, Maria Isabel Falcão, Maria Isabel de Oliveira, Nilda Sampaio Barbosa, Rosina Iannibelli, Sílvia Ninita de Mourão Estevão

Conselho Consultivo

Ana Maria Camargo, Ângela Maria de Castro Gomes, Boris Kossoy, Célia Maria Leite Costa, Elizabeth Carvalho, Francisco Falcon, Francisco Iglesias, Helena Ferrez, Helena Corrêa Machado, Heloisa Liberalli Belotto, Ilmar Rohloff de Mattos, Jaime Spinelli, Joaquim Marçal Ferreira de Andrade, José Carlos Avelar, José Sebastião Witter, Léa de Aquino, Lena Vânia Pinheiro, Margarida de Souza Neves, Maria Inez Turazzi, Marilena Leite Paes, Regina Maria M. P. Wanderley, Solange Zúñiga

Edição de Texto

José Cláudio da Silveira Mattar

Projeto Gráfico

André Villas Boas

Editoração Eletrônica, Capa e Ilustração

Jorge Passos Marinho

Resumos

Carlos Peixoto (versão em inglês), Lea Novaes (versão em francês)

Copydesk e Revisão

Alba Gisele Gouget, José Cláudio da Silveira Mattar e Tânia Maria Cuba Bittencourt

Reprodução Fotográfica

Agnaldo Neves Santos e Flávio Ferreira Lopes

Secretaria

Jeane D'Arc Cordeiro

Revista financiada com recursos do

Programa de Apoio a Publicações Científicas

MCT



CNPq



FINEP

Acervo: revista do Arquivo Nacional. —
v. 8, n. 1-2 (jan./dez. 1995). — Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

v.: 26 cm

Semestral

Suspeisa de 1990 a 1992

Cada número possui um tema distinto

ISSN 0102-700-X

1. Arquivologia - Periódicos 2. História - Periódicos 3. Arquivos - Tecnologia Aplicada - Periódicos I. Arquivo Nacional



S U M M Á R I O

01

APRESENTAÇÃO

03

ENTREVISTA COM ROGER CHARTIER

13

ENTREVISTA COM ROBERT DARNTON

19

OS CLÉRIGOS E OS LIVROS NAS MINAS GERAIS DA SEGUNDA
METADE DO SÉCULO XVIII

Lulz Carlos Villalta

55

OS 'LETRADOS' DA SOCIEDADE COLONIAL: AS ACADEMIAS E A
CULTURA DO ILUMINISMO NO FINAL DO SÉCULO XVIII

Berenice Cavalcante

67

SERVIDÃO E DÍVIDA: O LEITOR DA *HISTÓRIA DO FUTURO* DE
ANTÔNIO VIEIRA

Marcus Alexandre Motta

83

LEITORES DO RIO DE JANEIRO: BIBLIOTECAS COMO JARDINS DAS
DELÍCIAS

Tania Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira

105

CULTURA CIENTÍFICA E SOCIABILIDADE INTELECTUAL NO BRASIL
SETECENTISTA: UM ESTUDO ACERCA DA SOCIEDADE LITERÁRIA DO
RIO DE JANEIRO

Lorelai Brilhante Kury e Oswaldo Munteal Filho

123

LEITURA E LEITORES NO BRASIL, 1820-1822: O ESBOÇO
FRUSTRADO DE UMA ESFERA PÚBLICA DE PODER

Lúcia Maria Bastos P. Neves

139

A DISTINÇÃO E SUAS NORMAS: LEITURAS E LEITORES DOS MANUAIS
DE ETIQUETA E CIVILIDADE - RIO DE JANEIRO, SÉCULO XIX

Maria do Carmo Teixeira Rainho

153

REVOLUÇÃO E HERESIA NA BIBLIOTECA DE UM ADVOGADO DE
MARIANA

Paulo Gomes Leite

167

EDIÇÕES PERIGOSAS: A *ENCYCLOPÉDIE* PARA ROBERT
DARNTON

Cláudia Heynemann

183

A LIVRARIA DO TEIXEIRA E A CIRCULAÇÃO DE LIVROS NA CIDADE
DO RIO DE JANEIRO, EM 1794

Níreu Oliveira Cavalcanti

195

PERFIL INSTITUCIONAL
REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA

Antônio Gomes da Costa

199

BIBLIOGRAFIA

A P R E S E N T A Ç Ã O

Tentar saber que livros possuíam os homens de uma determinada época e sociedade e como e por que os liam têm sido uma preocupação constante dos sociólogos e historiadores da leitura.

Um dos trabalhos precursores desta temática foi escrito no século XIX, pelo historiador francês Daniel Mornet. Em seu artigo "Os ensinamentos das bibliotecas particulares no século XVIII", o autor procurava avaliar a difusão das obras iluministas a partir do acervo daquelas bibliotecas. Com isso, o historiador buscava responder à pergunta: o que liam os franceses no século XVIII?

O artigo de Mornet gerou uma série de trabalhos que buscavam reconstituir não apenas o conteúdo das bibliotecas de diferentes grupos sociais mas também, e principalmente, o consumo, a circulação e a recepção dos livros. Assim, os trabalhos mais recentes sobre as práticas e a recepção das leituras já não partem mais do pressuposto de que a simples posse dos livros é sinônimo da leitura dos mesmos. Interessados em analisar as formas de se ler uma determinada obra, sua recepção e circulação, os historiadores e sociólogos têm se debruçado cada vez mais sobre este objeto, tentando articular as diferentes formas de venda, acesso e maneiras de ler o livro.

Dedicado a estes temas, este número da revista **Acervo**, reúne artigos que discutem o conteúdo de bibliotecas, as recepções e práticas de leituras, e as sociabilidades intelectuais no Brasil dos séculos XVIII e XIX. Além disso, traz uma inovação: entrevista dois dos maiores especialistas no assunto, os historiadores Roger Chartier e Robert Darnton.

Os artigos de Luiz Carlos Villalta, Paulo Gomes Leite e Tania Bessone partem do conteúdo de bibliotecas para tentar perceber o que e como liam determinados grupos. Villalta analisa as bibliotecas de clérigos nas Minas Gerais da segunda metade do século XVIII para avaliar em que medida os livros que elas possuíam influenciaram as condutas políticas e sexuais destes clérigos.

A partir dos Autos da Devassa da Inconfidência Mineira e do conteúdo da biblioteca de José Pereira Ribeiro, Paulo Gomes Leite analisa a leitura e a circulação dos chamados livros perigosos, que excitavam o ardor revolucionário dos letrados mineiros do século XVIII. Tania Bessone estuda o conteúdo das bibliotecas particulares de médicos e advogados na virada do século XIX para o XX tentando perceber não apenas que livros estes homens possuíam mas também o que liam.

As sociabilidades intelectuais viven-

ciadas no Brasil dos séculos XVIII e XIX aparecem nos artigos de Berenice Cavalcante, Lorelai Brilhante Kury & Oswaldo Munteal e Lúcia Bastos. Berenice Cavalcante investiga o elenco de questões que atraía a elite intelectual da Colônia e a nova sociabilidade vivenciada por estes acadêmicos que, a despeito das diferenças advindas da riqueza ou do conhecimento, igualavam-se na condição de livres pensadores.

A Sociedade Literária do Rio de Janeiro e a especificidade do grupo de letrados que a compunham é o tema do artigo de Oswaldo Munteal Filho & Lorelai Brilhante Kury. Nele, os autores analisam o lugar ocupado pela natureza no pensamento destes ilustrados e como os membros desta Sociedade lançam mão do arsenal intelectual oriundo das Luzes européias, para refletirem sobre a condição do homem que vive em contato quase direto com a natureza.

Lúcia Bastos parte dos folhetos, panfletos e periódicos publicados entre 1821 e 1823 para analisar as leituras da elite intelectual que participou do movimento da Independência. Enfoca também o nascimento da idéia de opinião pública que, para ela, surgiu no Brasil nesse período e se produziu graças aos homens de letras.

A questão da recepção das leituras e circulação de livros é enfocada nos artigos de Maria do Carmo Rainho e

Claudia Heynemann. A primeira discute o conteúdo dos manuais de etiqueta e civilidade que circulavam no Rio de Janeiro do século XIX e a importância de sua leitura para aqueles que se denominavam membros da "boa sociedade". Claudia Heynemann enfoca o universo de livros clandestinos, panfletos e literatura pornográfica que era consumida na França no período pré-revolucionário a partir da análise de Robert Darnton sobre a *Encyclopédie*.

A revista publica ainda um curioso artigo de Marcus Motta que reflete sobre as possibilidades de leitura de um texto, discutindo a posição do leitor a partir de níveis de submissão ao texto e das dúvidas que este aponta para o leitor tendo por base a *História do Futuro* do padre Antônio Vieira.

Este número de **Acervo** apresenta também um documento inédito do Arquivo Nacional localizado por Nireu Cavalcanti que, em seu artigo, revela a existência de uma importante livraria na Corte no final do século XVIII.

O perfil institucional é dedicado ao Real Gabinete Português de Leitura, instituição que guarda e dá acesso a um valioso patrimônio estimado em 350.000 volumes.

Finalmente e, sem trocadilho, desejo uma boa *leitura* a todos os *leitores*.

Maria do Carmo Rainho

Editora